

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

11 e 15 de Novembro de 2021

REVISITAR OS GRANDES GÊNEROS : FILM NOIR | DISPONÍVEIS PARA O NOIR

LE DÉSORDRE ET LA NUIT / 1958

Um filme de Gilles Grangier

Argumento: Jacques Robert, Gilles Grangier e Michel Audiard, a partir do romance epónimo de Jacques Robert (1955); *diálogos de Audiard / Imagem (35 mm, preto & branco, formato 1:66):* Louis Page / *Cenários:* Robert Bouladoux / *Figurinos:* Paulette Coquatrix, Marcelle Desvignes / *Música:* Jean Yatove / *Montagem:* Jacqueline Sadoul / *Som:* Jean Rieul / *Interpretação:* Jean Gabin (*Inspetor Georges Vallois*), Nadja Tiller (*Lucky Fridel*), Danièle Darrieux (*Thérèse Marken*), Roger Hanin (*Albert Simon*), Robert Manuel (*Blasco*), Paul Frankeur (*Inspetor Chaville*), Hazel Scott (*Valentine Scott, a cantora negra*), Harald Wolff (*o pai de Lucky*), François Chaumette (*o Comissário Janin*), Raoul Saint-Yves (*Michou, o motorista de Vallois*), Louis Ducreux (*Henri Marken*), Jacques Marin (*o empregado do café*), Germaine Ledoyen (*a enfermeira*).

Produção: Lucien Viard para Orex Films (Paris) / *Cópia:* da Pathé (Paris), dcp (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 94 minutos / *Estreia mundial:* 14 de Maio de 1955 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

Estamos diante de um filme de género, um filme policial, *polar* no calão francês (palavra também utilizada para os livros policiais), um objeto *standard* do cinema francês dos anos 50, sem que haja nenhuma conotação pejorativa na palavra *standard*. A saúde comercial e as virtudes artesanais de uma cinematografia que trabalha em moldes industriais não se medem apenas pelas obras-primas e pelos filmes que ambicionam sê-lo, mas também e sobretudo pela sua produção mediana, que na França sempre incluiu uma proporção importante de filmes policiais e criminais, que criaram uma mitologia tão forte quanto à equivalente do cinema americano. Em **Le Désordre et la Nuit** (que, de modo pouco surpreendente, não teve distribuição em Portugal) estão reunidos vários elementos que fizeram a perenidade do êxito dos filmes policiais franceses, como Jean Gabin na longa fase final da sua carreira, falsamente indiferente e terrivelmente eficaz, Danièle Darrieux, co-vedeta de prestígio, um argumento tirado de um romance policial de um autor muito ligado ao cinema, que por sua vez adaptou diversos dos seus livros. Também não falta a um tanto famigerada figura do *dialoguista*, maníaco dos trocadilhos e das frases de efeito, um dos pecados menos veniais do cinema francês, com a presença do mais célebre de todos eles, Michel Audiard, no genérico, mas felizmente desta vez ele foi bastante comedido. Gilles Grangier era um profissional eclético, com uma vasta filmografia que inclui doze filmes protagonizados por Jean Gabin, naquele que costuma ser considerado o período menos interessante do percurso do ator (1953-69), alguns dos quais podem certamente ser reavaliados, a começar por aquele que vamos ver: os combates da cinefilia de ontem não comprometem certamente os espectadores de hoje.

Uma das características do *polar* francês, sobretudo nos anos 50, é que a ação é quase sempre situada na noite parisiense, no mundo dos night-clubs que servem de fachada para outros negócios, espaços em que se misturam uma clientela elegante e personalidades ligadas a atividades tais como o roubo, o tráfico de drogas e a prostituição. Ou seja, longe de se situar num mundo escondido e totalmente sórdido, a ação destes filmes se situa num mundo de prazeres e de uma certa elegância, ainda que apenas aparente. **Le Désordre et la Nuit** não escapa a esta regra e começa precisamente durante um número musical num night-club por uma banda de jazz. Os parisienses descobriram o jazz, pelo qual se apaixonaram, por volta de 1920, de modo que em meados dos anos 50 uma banda de jazz nada tinha de exótica em Paris, mas é inegável que este começo, seguido por imagens em que um Cadillac percorre as ruas da cidade, foi concebido não apenas para “agarrar” de imediato a atenção do espectador e mergulhá-lo de chofre no filme, mas também para dar um ar algo “americano” a este. No cinema criminal francês há relativamente pouca violência física (aqui, um conciso homicídio, uma garrafada e alguns bofetões, sem uma só cena de troca de tiros ou de

pancadaria), os policiais agem por indução, usam os miolos com mais frequência do que os bíceps e as sequências musicais ou aquelas em que os personagens atravessam de carro a noite parisiense são sedutoras pontuações visuais nestes filmes conduzidos em grande parte pela palavra (no filme de Grangier tudo “explode” e chega ao fim na sequência em que o inspetor Gabin encurrula a farmacêutica Darrieux com a palavra e mostra que percebeu tudo, não numa cena “de ação”). Em **Le Désordre et la Nuit**, a bela fotografia a preto e branco de Louis Page (responsável pela imagem de **Quai des Brumes**, **Le Ciel est à Vous**, **Lumière d'Été**), os belos cenários de estúdio e os efeitos especiais cumprem plenamente esta função de sedução visual.

A presença de Jean Gabin é um dos marcos do filme, cujo ritmo de certa forma emana da sua figura. Gabin fora a maior vedeta do cinema francês dos anos 30 (por vezes em papéis de criminoso profissional, noutras em papéis de honesto trabalhador), mas ao voltar à França em 1945 depois de quatro anos entre Hollywood e a frente de guerra (foi voluntário do pequeno exército de de Gaulle, as Forças Francesas Livres), gordo e encanecido, não foi rejeitado pelo público, mas causou alguma surpresa tingida de decepção e durante alguns anos ele tentou reajustar a sua imagem. Conseguiu-o em 1953 com **Touchez pas au Grisbi** de Jacques Becker, em que faz precisamente o papel de um gangster que decidiu reformar-se, filme que fez com que o público francês aderisse plenamente ao “novo” Gabin, maduro, aparentando mais idade do que tinha (cinquenta anos ao fazer **Le Désordre et la Nuit**) e, por conseguinte, sem os atributos do galã ou do ferrabrás. Pouco loquaz, um tanto *blasé* e pouco sensível à sedução feminina interesseira, envergando uma eterna gabardine, o Gabin deste período é, de facto, muito parecido de filme a filme, mas sabe usar o seu grande poder passivo (a *força tranquila* que muitos anos depois serviria de slogan político em França), a sua capacidade de marcar presença com poucos gestos e poucas palavras. É precisamente o que faz aqui, onde surge pela primeira vez sentado, filmado brevemente de costas e a seguir, de frente, em plano americano, já a trabalhar, a fazer o seu inquérito policial, no night-club onde a ação começara. O espectador poderá notar a franqueza com que são mencionados a venda e o uso de drogas, o que muito possivelmente não seria o caso num filme americano, mas a originalidade do argumento consiste no facto do policial sucumbir à sedução da mulher jovem e bela que está no centro do seu inquérito (“*és um bom amante*”, diz ela no dia seguinte, frase igualmente impensável no cinema americano) e depois apiedar-se da sua condição de toxicodependente, ao ponto de pedir demissão da polícia. Danielle Darrieux é aqui uma estrela convidada e, com destreza profissional, os argumentistas dão ao seu personagem uma presença breve, até à cena final, em que tudo se resolve e na qual, como é indispensável, as duas vedetas do filme se confrontam. Outra inteligente ideia do argumento é fazer das duas protagonistas femininas personagens que de certa forma são o reflexo um do outro: uma mulher jovem e outra já de meia-idade, ambas originárias das classes altas (“*é sabido que é com as burguesas que se fazem as melhores prostitutas*”, diz o personagem de Darrieux), uma controlada e uma descontrolada, uma toxicodependente e uma fornecedora de drogas, ambas apaixonadas pelo mesmo muito pouco recomendável homem. Por isso, o policial e a farmacêutica têm a sua grande explicação na presença física (e na ausência mental) da outra mulher, vítima de uma prestes a ser salva pelo outro. Filme de ambiente e filme de argumento, **Le Désordre et la Nuit** reúne muitas das qualidades que um filme de género deve ter, que são materializadas pelo profissionalismo do realizador e dos técnicos.

Antonio Rodrigues